

# A NEURO-PSIQUIATRIA EM MACHADO DE ASSIS

HÉLIO A. G. TEIVE, LUCIANO DE PAOLA, FRANCISCO CARDOSO

Serviço de Neurologia. Departamento de Clínica Médica. Hospital de Clínicas. Universidade Federal Paraná. Curitiba.  
Serviço de Neurologia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Brasil

## RESUMO

Machado de Assis, considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos, sofreu de epilepsia desde a sua infância. A avaliação de suas principais obras literárias nos mostra descrições de vários transtornos neuropsiquiátricos, como a epilepsia, depressão, demência (provavelmente decorrente de neurosífilis), estado confusional agudo (*delirium*), distímia e tiques motores, além de abordar o problema da doença mental, com um viés antipsiquiátrico.

## SUMMARY

### THE NEUROPSYCHIATRY IN MACHADO DE ASSIS

Regarded as one of the best Brazilian writers, Machado de Assis was diagnosed with epilepsy since childhood. In his vast work, some of the main pieces are rich in describing neuropsychiatric disorders, including epilepsy, depression, dementia (most likely related to neurosyphilis), acute confusional state (*delirium*), dysthymia and motor tics. An anti-psychiatric bias is clearly noticed in his approach to mental illness-related themes.

*É grande, é imenso, o nosso Machado. É o pico solitário  
das nossas letras. Os demais nem lhe dão pela cintura.*

Monteiro Lobato

## INTRODUÇÃO

José Maria Machado de Assis, ou como é mais conhecido Machado de Assis (MA), é considerado o mais importante escritor brasileiro de todos os tempos. Recentemente, Harold Bloom, um dos mais proeminentes críticos literários do mundo, incluiu MA entre 100 autores mais criativos da história da literatura universal<sup>1</sup>.

Deve-se ressaltar que MA, conhecido como *bruxo do Cosme Velho*, viveu e produziu as suas mais importantes obras literárias na segunda metade do século XIX, quando vicejava de forma mais intensa o preconceito racial. Prova disso é a publicação de George Raeders, intitulada *O Conde de Gobineau no Brasil*<sup>2</sup>. No capítulo *Gobineau e os brasileiros*, Raeder descreve que Gobineau, representante diplomático francês no Brasil à época, ficou cativado pelo Imperador do Brasil, Dom Pedro II, mas não ocorreu o mesmo com os seus súditos. Gobineau considerava os brasileiros como:

...uma população toda mulata, com sangue viciado, espírito viciado e feia de meter medo,  
....  
nenhum brasileiro é de sangue puro<sup>2</sup>.

E acrescenta:

salvo o imperador, não há ninguém neste deserto povoado de malandros<sup>2</sup>.

Vale frisar que MA, mulato, tinha origem humilde, sendo neto de escravos. O escritor tinha personalidade introvertida, destacando-se pelo estilo inconfundível, em cuja narrativa predominam o ceticismo, o pessimismo e a fina ironia, uma influência marcada dos autores ingleses, como, por exemplo, Laurence Sterne<sup>1,3</sup>. Bloom descreve que MA

é uma espécie de milagre, mais uma demonstração da autonomia do gênio literário, quanto a fatores como tempo e lugar, política e religião, e todo o tipo de contextualização que supostamente produz a determinação dos talentos humanos<sup>1</sup>.

Dentre as inúmeras obras publicadas por MA, nas áreas de poesia, romance, narrativas curtas e mesmo teatro, ressaltam-se os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), além de inúmeros contos, entre os quais está *O alienista*<sup>4-8</sup>.

Nas obras de MA, particularmente nas acima referidas, encontram-se, com frequência, descrições de enfermidades neurológicas, como, por exemplo, a epilepsia, da qual o próprio autor era portador. Diante disso, o objetivo deste trabalho é o de avaliar as principais obras de MA, incluindo a sua biografia, procurando descrever a presença de enfermidades neurológicas e psiquiátricas.

## NOTA BIOGRÁFICA

MA nasceu no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, filho de Francisco José de Assis, mulato, pintor, natural do Rio de Janeiro, e de Maria Leopoldina Machado, lavadeira, portuguesa, natural dos Açores, da ilha de São Miguel<sup>3,8-10</sup>. De infância pobre, teve como madrinha, Maria José de Mendonça Barroso, viúva de um senador, general do exército e ministro de Dom Pedro<sup>3,9,10</sup>. No período da infância evidencia-se em MA o seu primeiro problema neurológico, a tartamudez, o que dificulta ainda mais o seu relacionamento social, exacerbando o seu temperamento já introvertido<sup>3,9,10</sup>. Em 1885, MA passou a trabalhar como colaborador em vários jornais, entre eles, o *Marmota Fluminense*. Posteriormente, exerceu funções de ajudante de diretor do *Diário Oficial*, primeiro-oficial da Secretaria do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e, finalmente, diretor-geral da Viação<sup>3,9,10</sup>. MA casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, moça de origem portuguesa, em 12 de novembro de 1869, e com ela viveu por 35 anos. O casal não teve descendentes<sup>3,9,10</sup>.

Entre suas obras, divididas pela crítica em duas fases distintas, destacam-se na primeira fase, chamada de romântica: *Crisálidas* (1864), *Contos Fluminenses* (1869), *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1894), *Helena* (1876) e *Jaiá Garcia* (1878). Da segunda fase, definida como realista e considerada a mais produtiva e madura, constam *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Poesias completas* (1901), *Esau e Jacó* (1904), *Relíquias da Casa Velha* (1906) e *Memorial de Aires* (1908)<sup>3,9,10</sup>. MA foi presidente e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1908<sup>3,9,10</sup>.

## MACHADO DE ASSIS E A NEUROLOGIA

### Epilepsia

A epilepsia de MA é assunto já bastante debatido e publicado. Pelegrino Junior realizou a primeira publica-

ção, em 1938, sobre a doença e a constituição de MA<sup>11</sup>. Lopes, em 1981, focaliza a doença de MA em seu livro intitulado *A Psiquiatria de Machado de Assis*<sup>12</sup>.

Lopes, que foi aluno de Miguel Couto, profissional que dominou o cenário médico do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, define que MA teria tido epilepsia, com crises psicomotoras, associadas à presença de crises do tipo grande mal, provavelmente de origem em foco temporal e insular<sup>12</sup>. O autor comenta as consultas de MA com Miguel Couto, com uso de brometo (sem eficácia e com efeitos colaterais), além do tratamento homeopático realizado por MA, sem êxito<sup>12</sup>. Lopes também faz uma citação atribuída ao escritor Carlos de Laet, amigo íntimo de MA, sobre as crises epiléticas:

*... quando de nós se acercou o Machado e dirigiu-me palavras em que não percebi nexos. Encarei-o surpreso e achei-lhe desmudada a fisionomia. Sabendo que de tempos em tempos o salteavam incômodos nervosos, despedi-me do outro cavalheiro, dei o braço ao amigo enfermo, fi-lo tomar um cordial na mais próxima farmácia e só o deixei no bonde das Laranjeiras, quando o vi de todo estabelecido, a proibir-me que o acompanhasse até casa*<sup>12</sup>.

Guerreiro publicou, em 1992, uma descrição clara da epilepsia de MA, classificando-a como epilepsia localizada sintomática, com crises parciais complexas secundariamente generalizadas, de etiologia desconhecida<sup>13</sup>. Conforme este autor, as crises epiléticas iniciaram-se na infância, com remissão na adolescência e recorrência na terceira década de vida. As crises epiléticas foram descritas como episódios com alteração da consciência, automatismos, confusão pós-ictal, com associação de emissão de palavras sem nexos. Guerreiro comenta que pela descrição das crises epiléticas, o foco epileptogênico provavelmente estaria localizado no lobo temporal direito<sup>13</sup>.

Uma possibilidade etiológica para as crises epiléticas de MA que pode ser especulada é a de esclerose mesial do lobo temporal. Na avaliação de Guerreiro, MA não era portador de distúrbio de personalidade, habitualmente encontrado em pacientes com epilepsia do lobo temporal, que caracteriza a chamada síndrome de personalidade interictal na epilepsia do lobo temporal não-dominante, ou síndrome de Geschwind-Waxman<sup>13</sup>. Esta é caracterizada pela presença de hipossexualidade, viscosidade, proli-

xidade, circunstancialidade grande preocupação com temas de caráter moral, ético-filosófico, hiper-religiosidade, irritabilidade e hipergrafia<sup>14-16</sup>. Por outro lado, Yacubian e Costa Pinto sugerem que MA teria evidências de uma personalidade epileptóide, caracterizada pela presença de depressão, tristeza, afetividade viscosa, gliscroidia e melancolia<sup>17</sup>. Godoy faz referência a personalidade de MA, definindo a presença de afetividade viscosa e concentrada em poucos fiéis amigos, associada com outra característica importante a gliscroidia<sup>18</sup>.

Chapman e Chapman-Santana avaliaram os escritos de MA sobre a sua epilepsia, particularmente a correspondência com o amigo Mário Alencar. Nestas cartas encontram-se citadas, por várias vezes, as crises epiléticas – que MA chamava de *pecado original, fenômenos nervosos, ausências, coisas estranhas, minha doença* – além de referências como *homem doente, sem médico*, e ao mesmo tempo menções às consultas com Miguel Couto e ao uso de brometos<sup>19</sup>. Em uma delas, MA conta a Mario Alencar:

*Meu querido amigo, hoje à tarde reli uma página da biografia de Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza, e até o mesmo mal, como sabe, o outro*<sup>12,19</sup>.

Descrições de crises epiléticas aparecem em várias obras de MA, quais sejam, no conto *Relíquias da Casa Velha*:

*tinha ocasiões de cambalear; outras de escorrer-lhe pelo canto da boca um fio quase imperceptível de espuma. E o resto não era menos cruel. Nicolau ficava tão ríspido*<sup>3</sup>.

Em *Quincas Borba*:

*Deu por si na Praça da Constituição. Viera andando à toa*<sup>5</sup>.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

*Ora, enquanto eu pensava naquela gente, iam-me as pernas levando, ruas abaixo, de modo que insensivelmente me achei à porta do hotel Pharoux. De costume jantava aí; mas, não tendo deliberadamente andado, nenhum merecimento da ação me cabe, e sim às pernas que a fizeram*<sup>4</sup>.

E, finalmente, em *Suave Mari Magno*:

*Arfava, espumava e ria, de um riso espúrio e bufão, ventre e pernas sacudia, na convulsão*<sup>3</sup>.

### Neurossífilis

O personagem central da obra *Quincas Borba* é Rubião, modesto professor do interior de Minas Gerais que, após herdar de seu falecido amigo, Quincas Borba, uma inesperada e grande fortuna, parte para o Rio de Janeiro, para viver nababescamente, com as grandes figuras da corte. A partir daí, Rubião é seduzido por um casal de supostos amigos que, de forma mal-intencionada, o engana e explora a sua fortuna. O final de Rubião é trágico, vindo a falecer, no interior de Minas Gerais, completamente pobre e enlouquecido<sup>3,5,10</sup>. Deve-se ressaltar que o personagem Quincas Borba, que também aparece em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, foi o criador de uma nova filosofia, por ele denominada *Humanitas*<sup>5</sup>.

A análise dessa obra de MA permite-nos propor a hipótese que Rubião teria sido portador de neurossífilis, na forma chamada de paralisia geral progressiva, demência paralítica ou, ainda, paralisia geral do insano. Esta forma é caracterizada pela presença de transtornos comportamentais, com labilidade emocional, delírios de grandeza, megalomania, sintomas psicóticos, demência, com perda de memória, da capacidade de julgamento, além de crises epilépticas<sup>20</sup>. Na época em que MA publicou o livro, a neurossífilis era a principal causa de demência<sup>21</sup>.

Ao ler o livro *Quincas Borba*, encontram-se várias evidências de que Rubião teria paralisia geral progressiva. Em primeiro lugar, Rubião, após viver faustosamente na cidade do Rio de Janeiro, começa a ter alterações comportamentais, a princípio pouco sugestivas de um transtorno neuro-psiquiátrico. Progressivamente, porém, surgem indícios de alterações comportamentais, que vão se tornando mais evidentes, principalmente quando Rubião contrata um barbeiro para que o torne parecido com Napoleão III, cujo busto enfeita a sala de sua casa<sup>5</sup>. No capítulo CXLVII deste livro, MA descreve com mais ênfase a alteração mental de Rubião:

*Ficando só, Rubião atirou-se a uma poltrona, e viu passar muitas coisas suntuosas. Estava em Biarritz ou Compiègne, não se sabe bem; Compiègne, parece. Governou um grande Estado, ouviu ministros e embaixadores,*

*dançou, jantou, e assim outras ações narradas em correspondências de jornais, que ele lera e lhe ficaram de memória. Nem os ganidos de Quincas Borba [seu cão] logravam espertá-lo. Estava longe e alto. Compiègne era no caminho da lua. Em marcha para a lua!*<sup>5</sup>.

Em outras oportunidades, Rubião demonstrou frequentes delírios de grandeza, como no parágrafo:

*Às vezes, pegava da pena e de uma folha de papel, escolhia um título moderno ou antigo e, escrevia-o repetidamente, como se fosse o próprio dono e assinasse alguma coisa: Marquês de Barbacena, Marquês de Barbacena, Marquês de Barbacena*<sup>5</sup>.

Outras vezes, Rubião dizia ao seu interlocutor, pomposamente:

*“Eu o faria ministro de estado!”*<sup>5</sup>,

Ou ainda:

*“posso incluí-lo no ministério?”*<sup>5</sup>

Em outra oportunidade, responde a um chamado de Sofia, personagem do livro com quem tinha relacionamento amoroso:

*Senhor Rubião... – Napoleão, não; chama-me Luís. Sou o teu Luís, não é verdade, galante criatura? Teu, teu... chama-me teu; o teu Luís, o teu querido Luís*<sup>5</sup>.

Com a progressão do quadro, Rubião passa a dissipar a sua fortuna, e os acessos de delírio e confusão mental tornam-se mais comuns. No capítulo CLXXIX, MA descreve mais um episódio de confusão mental:

*O criado fazia o serviço irregularmente, comia gratificações e recebia, amiúde, o título de marquês. Ao demais, divertia-se. Quando lhe dava ao amo para conversar com as paredes, o criado corria a espiá-lo; assistia ao diálogo, porque o Rubião incumbia-se das palavras delas, respondendo como se houvessem feito alguma pergunta. De noite, ia à palestra com os amigos da vizinhança*<sup>5</sup>.

Em outro momento, Rubião é visto andando pelas ruas:

*gesticulando e falando a alguém que supunha trazer pelo braço, e era a imperatriz. Eugênia ou Sofia<sup>5</sup>?*

*“homens que iam passando paravam: do interior das lojas corria gente às portas. Uns riam-se, outros ficavam indiferentes; alguns, depois de verem o que era, desviavam os olhos para poupá-los à aflição que lhes dava o espetáculo do delírio<sup>5</sup>.*

Com a piora do quadro, Rubião é internado em uma casa de saúde, mas foge para a cidade de Barbacena, em Minas Gerais, aonde chega exclamando:

*– Ao vencedor, as batatas!<sup>5</sup>.*

Quando encontrou conhecidos, que percebem que está febril, com roupas inadequadas e totalmente molhadas, Rubião repete o bordão:

*Ao vencedor as batatas!, – Aqui estou imperador! Ao vencedor, as batatas!<sup>5</sup>.*

Finalmente, no último fragmento do livro (capítulos CXCIX e CC) o autor relata a morte de Rubião e o seu delírio final:

*– Guardem a minha coroa, murmurou. – Ao vencedor...<sup>5</sup>*

### **Delirium**

*Memórias Póstumas de Brás Cubas* é a autobiografia de Brás Cubas, o narrador, que após a sua morte resolve escrever as suas memórias<sup>4</sup>. No capítulo VII deste livro, chamado de *O delírio*, Brás Cubas faz, em verdade, a descrição precisa de um episódio de estado confusional agudo, ou de *delirium*:

*“Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direto à narração<sup>4</sup>.*

*Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com*

*beliscões e confeitos: caprichos de mandarim. Logo depois, senti-me transformado na Summa Theologica de São Tomás<sup>4</sup>.*

*Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótomo, que me arrebatou. Deixei-me ir; calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino. – Engana-se – replicou o animal –, nós vamos à origem dos séculos<sup>4</sup>.*

A partir daí segue-se a narrativa, com uma série de passagens por vários séculos, com comentários que vão desde o Éden, a tenda de Abraão, o diálogo com Pandora, ou a Natureza, até chegar ao século presente e depois aos futuros. Finalmente, Brás Cubas descreve:

*Talvez por isso entrarem os objetos a trocarem-se; uns crescerem, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente, um nevoeiro cobriu tudo, menos o hipopótomo que ali me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era efetivamente um gato. Encarei-o bem; era o meu gato Sultão, que brincava à porta da alcova, com uma bola de papel...<sup>4</sup>.*

### **MACHADO DE ASSIS E A PSIQUIATRIA**

#### **Depressão**

Na avaliação das principais obras literárias de MA, destaca-se uma acentuada dose de ceticismo, com inevitável pessimismo e uma visão negativa da natureza humana. Esse comportamento pode ter sido influenciado pela infância do autor, em que associada à sua condição de mulato, pobre, portador de gagueira, órfão de mãe e com temperamento tímido, havia a doença que o acompanhou por toda a vida, a epilepsia<sup>3,9-12</sup>.

Pode-se claramente observar que MA desenvolveu um episódio depressivo maior quando do falecimento de sua esposa, Carolina de Novais, em 20 de outubro de 1904. Oito dias mais tarde, MA declara:

*Após trinta e cinco anos de casados, é um preparo para a morte<sup>3</sup>.*



Em um soneto bastante conhecido, ele diz:

*Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansa dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração de companheiro*<sup>3,10</sup>.

A partir daí, MA, na visão de seus biógrafos, perde o prazer de viver, as forças lhe fogem, a doença o domina cada vez mais e as crises repetem-se com maior frequência<sup>3,10</sup>. Nessa fase de sua vida existem relatos da piora de sua visão, da presença constante de infecções intestinais e de úlceras na língua. Suas cartas aos amigos demonstram que ele sente-se desamparado, vive numa solidão completa, com pensamentos de desvalia, com desapego à vida e com um desejo de morte constante<sup>9,10</sup>.

#### **Distímia e Possível Transtorno de Tique**

No romance *Dom Casmurro*, MA descreve a história de Bentinho, um ex-seminarista que se casa com sua antiga namorada Capitu, filha de vizinhos, e desenvolve paulatinamente um ciúme intenso de sua esposa, levantando a suspeita de traição por parte dela com o seu melhor amigo, Escobar<sup>3,6,10</sup>. Finalmente, com o nascimento e crescimento do filho Ezequiel, que tem grande semelhança com Escobar, Bentinho tem confirmadas as suspeitas de adultério, tornando-se progressivamente uma pessoa fechada, taciturna, mal-humorada, passando a ser reconhecido como D. Casmurro<sup>6</sup>. Esses dados poderiam sugerir que Bentinho tivesse desenvolvido algum transtorno afetivo, provavelmente uma forma de distímia.

Há, ainda, descrição pormenorizada de Escobar como sendo pessoa que:

*pedia-me freqüentemente explicações e repetições miúdas, e tinha memória para guardá-las todas, até as palavras. Talvez esta faculdade prejudicasse alguma outra*<sup>6</sup>.

Segue-se a descrição de que este personagem tinha o hábito de fazer contas de forma repetida<sup>6</sup>. No capítulo LXXXV, o autor registra que Escobar:

*tinha o sestro de sacudir o ombro direito de quando em quando e, veio a perdê-lo, desde que um de nós lho notou um dia no seminário; primeiro exemplo que vi de que um homem pode corrigir-se muito bem dos defeitos miúdos*<sup>6</sup>.

Os dados acima descritos sugerem que Escobar tivesse sintomas obsessivo-compulsivo, ou mesmo um transtorno obsessivo-compulsivo, além de ser portador de tiques motores, com possível controlo sobre eles<sup>6</sup>. Esses dados são compatíveis com a possibilidade que Escobar fosse portador de tiques motores crônicos e eventualmente da síndrome de Tourette.

#### **Um Libelo Anti-Psiquiátrico**

No romance *O Alienista* MA descreve a história de Simão Bacamarte, médico que trata de doenças mentais. Bacamarte instala-se na cidade fluminense de Itaguaí e cria um hospital para doentes mentais chamado de Casa Verde<sup>7</sup>. Aqui ele recolhe todas as pessoas que considerava loucas. De início, recebe apoio popular, mas posteriormente passa a internar pessoas que a população não considera loucas. Nesta fase, ele interna em seu hospital indivíduos por serem mentirosos, vaidosos ou fazerem discursos empolados. Com isso, sobrevém uma rebelião, liderada pelo barbeiro Porfírio, chamada de *revolta da canjica*. Passado um período de acalmia, Bacamarte libera todas as pessoas que estavam recolhidas no asilo e cria novos critérios para o internamento: os loucos agora seriam os justos, os honestos, os imparciais. Após a cura desses *pacientes*, libera todos e, reconhecendo-se como o único louco, Bacamarte interna-se na Casa Verde, permanecendo até a sua morte, alguns meses mais tarde<sup>3,7,10</sup>.

Trevisol-Bittencourt e Troiano sugerem que *O Alienista* seja, *avant-la-lettre*, um libelo contra a psiquiatria ortodoxa. Na visão desses autores,

*a figura do Dr. Bacamarte e da Casa Verde estão representadas a tirania dogmática exercida por esta especialidade médica até há algumas décadas*<sup>22</sup>.

Trotto, em 1991, analisa *O Alienista* como um livro que considera a primeira contribuição brasileira à antipsiquiatria. A autora também descreve os motivos que levaram MA a escrever sobre o tema em questão, enfatizando as condições de vida do escritor; mulato, de origem pobre, órfão aos 10 anos de idade e epilético durante toda a vida<sup>23</sup>.

#### **DISCUSSÃO**

A avaliação das principais obras de MA demonstra que o autor, epilético desde a infância, fez descrições de vários transtornos neurológicos e psiquiátricos.

Em relação ao quadro de epilepsia de MA, as descrições contemporâneas ao autor levam vários autores a concluir que se tratava de uma forma de epilepsia do lobo temporal. Há, porém, controvérsias para precisar se MA teria de forma associada um distúrbio de personalidade, a chamada personalidade epileptóide, ou a síndrome de Geschwind-Waxman<sup>13,17</sup>. Ao mesmo tempo em que MA exibia em suas publicações traços de pessimismo, ceticismo, ironia, melancolia e, na fase final de sua vida, depressão, por vezes tinha um comportamento de certa forma agressivo, principalmente com a crítica literária. Exemplo mais marcante foi a sua relação com José Maria Eça de Queiroz. MA considerava-o um grande escritor, contudo, em várias oportunidades criticou com veemência o seu colega português. São fatos bastante conhecidos suas críticas aos livros *O Crime do Padre Amaro*, em que MA teceu comentários sobre as acusações injustas de que Eça teria copiado Emile Zola, no seu livro *A Queda do Abade Mouret*, e *O Primo Basílio*, em que MA se desagrudou com o estilo à Zola<sup>3,8,24</sup>. Já Eça de Queiroz tinha grande apreço por MA, sendo fato reconhecido que admirava incondicionalmente as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, inclusive, costumava recitar para amigos que o visitavam em Paris o capítulo do *delirium* de Brás Cubas<sup>24,25</sup>. Quando Eça de Queiroz foi informado de que alguns dos seus livros tinham edições clandestinas no Brasil, constituiu, por meio de amigos comuns, MA como defensor dos seus direitos autorais, numa manifestação de superioridade e de apreço para com MA<sup>3</sup>. De qualquer forma, estas características do texto de Machado – ceticismo, melancolia e crítica à sociedade contemporânea – são comuns a vários autores do movimento realista que não eram portadores de epilepsia. Exemplos ilustrativos que podem ser citados são o próprio Eça (vide, por exemplo, *A Correspondência de Fradique Mendes*, onde o autor com frequência fustiga hábitos de então), Zola em França e Henry James em Inglaterra/Estados Unidos. Pode-se concluir, então, que a epilepsia não influenciou de modo apreciável o estilo de MA.

A avaliação dos principais livros de MA, como *Quincas Borba*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, traz evidências que permitem considerar a descrição de várias enfermidades neuropsiquiátricas<sup>4-6</sup>. Entre estas, pode-se considerar como mais importante o quadro de demência, por provável neurosífilis, na sua forma de paralisia geral progressiva, descrita com maestria no livro *Quincas Borba*<sup>5</sup>. A mesma descrição de demência também é feita de forma mais resumida no livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*<sup>4</sup>. Neste livro, em particular, exis-

te uma descrição bastante contundente de um estado confusional agudo, ou *delirium*, que o autor chamou de delírio<sup>4</sup>. Já no livro *Dom Casmurro* podem-se encontrar dados que sugerem que o personagem central tinha quadro de distímia, e um dos personagens, chamado Escobar, tinha tiques motores e sintomas obsessivo-compulsivos<sup>6</sup>. Por fim, em uma das narrativas curtas mais famosas de MA, *O Alienista*, o autor discute de forma satírica a questão da doença mental, com uma abordagem que poderia ser definida até mesmo como antipsiquiátrica<sup>7</sup>.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Edson José Amâncio (Serviço de Neurocirurgia, Faculdade de Medicina, UNILUS, Santos, SP), pelo estímulo para a preparação deste artigo, e a Antônia Schwinden, pela revisão gramatical do texto.

## BIBLIOGRAFIA

- BLOOM H: Gênio. Os 100 autores mais criativos da história da literatura. Objetiva. Rio de Janeiro, RJ 2003
- RAEDERS G: O Conde de Gobineau no Brasil. Paz e Terra. São Paulo SP 1997
- PEREIRA LM: Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico). Universidade de São Paulo. São Paulo SP 1988
- DE ASSIS M.: Memórias Póstumas de Brás Cubas. L&PM Pocket. Porto Alegre RS 1997
- DE ASSIS M: Quincas Borba. L&PM Pocket. Porto Alegre,RS 1997
- DE ASSIS M: Dom Casmurro. L&PM Pocket. Porto Alegre RS 1997
- DE ASSIS M: O Alienista. L&PM Pocket, Porto Alegre RS 1997
- SCHWARTZ R: Um mestre na periferia do capitalismo. Machado de Assis. Livraria Duas Cidades, Ed. 34. São Paulo Sp 2001
- BAGNO M: Machado de Assis para principiantes. 2ª Edição, Ed. Ática. São Paulo SP, 2003
- CLARET M: Machado de Assis. Vida e Pensamentos. Ed. Martin Claret Ltda. São Paulo SP 1996.
- PELEGRINO Jr: Doença e constituição de Machado de Assis. Ed. José Olympio, Rio de Janeiro RJ 1938
- LOPES JL: A doença de Machado de Assis. In: A Psiquiatria de Machado de Assis. Ed. Agir, 2ª Edição. Rio de Janeiro RJ 1981.
- GUERREIRO CAM.: Machado de Assis's epilepsy. Arq. Neuropsiquiatr 1992;50:378-82
- ENGEL JR J, WILLIAMSON PD, WIESER HG: Mesial Temporal Lobe Epilepsy. In: Engel J, Pedley TA. Epilepsy. A Comprehensive Textbook. Lippincott-Raven. Philadelphia 1998;III:2417-26
- CENDES F, KOBAYASHI E.: Epilepsia de lobo temporal. In: Guerreiro CAM, Guerreiro MM, Cendes F, Lopes-Cendes I. Epilepsia. Lemos Ed. São Paulo 2000; pgs. 201-13
- LOPES LIMA JM.: Síndromes epilépticas mais comuns no adulto. In: da Costa JC, Palmira A, Yacubian EMT, Cavalheiro EA.

Fundamentos neurobiológicos das epilepsias. Aspectos clínicos e cirúrgicos. Lemos Ed. São Paulo 1998;1:315-35

17. YACUBIAN EMT, COSTA PINTO GRS: Arte, Poder, Epilepsia. Lemos Ed. São Paulo SP 1998

18. GODOY HP: As Epilepsias: Definição, Classificação e Personalidades da Arte e da Política que, possivelmente, tiveram suas vidas influenciadas pela ocorrência de Epilepsia. Monografia, Pós Graduação Mestrado, Universidade Mackenzie. São Paulo SP 1998;pg 56

19. CHAPMAN AH, CHAPMAN-SANTANA M: Machado de Assis's own writings about his epilepsy. A brief clinical note. Arq Neuropsiquiatr 2000;58:1153-54

20. ROWLAND LP, STEFANIS L: Spirochete infections. Neu-

rosyphilis. In: Rowland LP. Merrit's Neurology. Tenth Edition, Lippincott Williams & Wilkins, Philadelphia, 2000; pg 182-88

21. NITRINI R: The history of tabes dorsalis and the impact of observational studies in Neurology. Arch Neurol 2000;57:605-6

22. TREVISOL-BITTENCOURT PC, TROIANO AR.: Síndrome de personalidade interictal na epilepsia do lobo temporal não-dominante. Arq Neuropsiquiatr 2000;58:548-55

23. TROTTO MRHN: A antipsiquiatria e Machado de Assis: *O Alienista*. J Bras Psiq 1991;40:413-17

24. PIZA D: Machado de Assis. Um Gênio Brasileiro. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo 2005

25. ALMEIDA LIMA M: Prefácio. In: de Assis M. Memórias Póstumas de Brás Cubas. L&PM Pocket. Porto Alegre R 1997

